

Relato de experiência: o quanto da África tenho em mim

Sandra Regina Santos do Valeⁱ 

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

1

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência realizado em 2023 em uma Escola da rede municipal de educação de Salvador-BA, com uma turma da Educação Infantil em uma classe de creche. A proposta foi inspirada no Projeto Pedagógico *Quanto da África tenho em mim*, desenvolvido ao longo do ano letivo, com o intuito de promover vivências lúdicas que favorecessem o reconhecimento da ancestralidade africana na formação da identidade brasileira, atendendo à Lei 11.645/08. A intervenção foi organizada em três unidades didáticas: a primeira, voltada às cantigas de roda e o samba junino; a segunda, dedicada à literatura infantil, com destaque para as obras *As tranças de minha mãe* e *Os dengos na moringa de Voinha*, da autora baiana Ana Fátima; e a terceira, com brincadeiras tradicionais de Gana e Angola. O trabalho buscou valorizar a cultura africana no cotidiano escolar, fortalecendo práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil. Conclui-se que a experiência evidenciou o potencial das práticas lúdicas e culturais afro-brasileiras na Educação Infantil, promovendo vínculos afetivos, reconhecimento da ancestralidade e respeito à diversidade. Através da ludicidade, da música e da literatura, a escola mostrou-se um espaço essencial para formar sujeitos conscientes, empáticos e comprometidos com uma sociedade plural e democrática.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ancestralidade Africana. Literatura Infantil. Identidade. Antirracismo.

Experience report: how much of Africa I have in me

Abstract

This paper presents an experience report carried out in 2023 at a public school in the municipal education network of Salvador, Bahia, with a preschool class in early childhood education. The proposal was inspired by the Pedagogical Project *How Much of Africa Do I Have in Me*, developed throughout the school year, with the aim of promoting playful experiences that encouraged the recognition of African ancestry in the formation of Brazilian identity, in accordance with Law 11.645/08. The intervention was organized into three didactic units: the first focused on circle songs and *samba junino*; the second dedicated to children's literature, highlighting the works *My Mother's Braids* and *Os dengos na moringa de Voinha*, by the Bahian author Ana Fátima; and the third explored traditional games from Ghana and Angola. The work sought to value African culture in everyday school life, strengthening anti-racist pedagogical practices in early childhood education. It is concluded

that the experience demonstrated the potential of Afro-Brazilian cultural and playful practices in early childhood education, promoting affective bonds, recognition of ancestry, and respect for diversity. Through playfulness, music, and literature, the school proved to be an essential space for forming conscious, empathetic individuals committed to a plural and democratic society.

Keywords: Early Childhood Education. African Ancestry. Children's Literature. Identity. Antiracism.

1 Introdução

Com a obrigatoriedade do ensino de "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira", a partir da Lei nº 10.639/03, e do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", nos currículos, definido a partir da alteração da lei supracitada, pela Lei nº 11.645/08 (Pereira; Souza, 2020), e buscando atender tais orientações, no início do ano letivo de 2024 a coordenação da escola solicitou que cada professora elaborasse um projeto pedagógico tendo como eixo temático as contribuições da cultura afro-brasileira no cotidiano das crianças. A escola está situada em Salvador, cidade reconhecida por abrigar a maior população negra fora da África, especificamente no bairro Engenho Velho de Brotas, território de grande relevância histórica e cultural, marcado pela resistência afro-brasileira e pela presença dos Terreiros de Candomblé. Nesse contexto, busquei articular elementos dos Campos de Experiências, que orientam o Referencial Curricular para a Educação Infantil, no segmento de crianças pequenas (de 2 anos a 3 anos e 11 meses), com uma proposta pedagógica voltada à valorização das manifestações culturais do bairro e da cidade de Salvador.

Assim surgiu o projeto pedagógico *O quanto da África temos em nós*, implementado em uma turma do Grupo 3 da Educação Infantil (crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses), composta por vinte alunos, sendo nove meninos e onze meninas. O projeto teve duração de todo o ano letivo, organizado em três unidades didáticas orientadas pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador.

Na primeira unidade, trabalhou-se a proposta pedagógica das cantigas de roda e do samba junino, elemento cultural característico do bairro. A segunda unidade teve como eixo estruturante a literatura infantil, utilizando-se as obras da escritora soteropolitana Ana Fátima, cuja escrita poética valoriza a ancestralidade africana e a cultura afro-brasileira em uma abordagem sensível e afetiva. Por fim, a terceira unidade foi dedicada às brincadeiras tradicionais dos países africanos Gana e Nigéria, proporcionando vivências que ampliaram o repertório cultural das crianças.

Para fundamentar a proposta, foram utilizados como aportes teóricos os estudos de Trindade (2005), Ana Fátima (2021; 2023), Gomes (2023), Cavalleiro (2011), Debus (2021), Kilomba (2018) e Evaristo (2005), cujas contribuições possibilitaram articular identidade, representatividade e práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil.

2 Metodologia

A metodologia adotada neste relato de experiência foi de caráter qualitativo, com enfoque descritivo e interventivo, uma vez que buscou registrar e analisar práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da Educação Infantil. As etapas metodológicas contemplaram:

- Planejamento pedagógico – definição dos eixos temáticos alinhados à Lei 11.645/08, aos Campos de Experiências do Referencial Curricular da Educação Infantil e às manifestações culturais afro-brasileiras presentes no território escolar.
- Organização das unidades didáticas – desenvolvimento das propostas em três eixos: cantigas de roda e samba de roda; literatura infantil afro-brasileira (com destaque para as obras de Ana Fátima); e brincadeiras tradicionais de países africanos.
- Vivências com as crianças – realização de atividades lúdicas, rodas de conversa, dramatizações, leitura literária, cantos e jogos, promovendo o contato direto com a ancestralidade africana de forma significativa.

- Registro e acompanhamento – anotações em diário de bordo, observação participante e registros das atividades, com foco nas interações, aprendizagens e formas de expressão das crianças.
- Reflexão e análise – articulação entre a prática pedagógica e os aportes teóricos de autores que discutem identidade, representatividade e antirracismo na infância, permitindo avaliar a relevância do projeto para a formação das crianças.

4

3. Percursos metodológicos

As propostas de intervenção foram desenvolvidas a partir de três Unidades Didáticas, que integram o Currículo da Rede Municipal de Salvador. Cada unidade contou com um eixo norteador, que direcionou as atividades realizadas e possibilitou a organização do trabalho pedagógico, como apresentamos a seguir.

3.1 Unidade I – cantigas de roda e samba junino

Nesta unidade, os Campos de Experiências trabalhados foram *Linguagens Musicais* e *Corpo e Movimento*. Para isso, utilizamos as cantigas de roda e o samba junino, manifestação cultural muito presente no bairro onde a escola está inserida. A escolha desses elementos não apenas aproximou as crianças de expressões culturais significativas do seu território, como também possibilitou que elas reconhecessem o valor da herança africana no cotidiano.

Como aporte teórico, recorremos a Azoilda Trindade, pesquisadora que cunhou o termo *valores civilizatórios afro-brasileiros*. Essa perspectiva nos permitiu compreender a centralidade do corpo e da música como linguagens que produzem conhecimento e afirmam identidades. Durante as atividades, foi possível perceber a alegria das crianças ao cantar, dançar e recriar as brincadeiras, demonstrando que a música e o movimento, além de promoverem aprendizagens, também fortalecem vínculos e se configuram como importantes espaços de resistência e valorização da cultura negra no Brasil.

Nesse sentido, o samba junino foi incorporado como um elemento fundamental para a valorização da cultura local. Esse ritmo, que se constitui como ferramenta de resistência dos Terreiros de Candomblé e integra o patrimônio imaterial da cidade de Salvador, tem suas raízes no bairro do Engenho Velho de Brotas. Ao trazer essa manifestação para o espaço escolar, destacamos a relevância das contribuições do povo de santo para a comunidade. As crianças, ao vivenciarem esse ritmo por meio de cantos e movimentos, não apenas se divertiram, mas também estabeleceram conexões com uma memória coletiva que reafirma pertencimento, identidade e resistência cultural.

Imagem 1 - Samba Junino



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1637609816294810-com-influencia-dos-terreiros-samba-duro-junino-resiste-na-bahia>

As atividades desenvolvidas incluíram rodas de cantigas, vivência do samba junino e a elaboração de instrumentos musicais com materiais reciclados, construídos pelos alunos, proporcionando momentos de interação e descobertas significativas. Dentre as cantigas apresentadas, as que mais contagiaram o grupo foram:

- *Saí, saí, ô piaba, saía da lagoa / Bota a mão na cabeça, outra na cintura*
- *Dá um remelexo no corpo, dá umbigada na outra*
- *Eu morava na areia, sereia / Me mudei para o sertão, sereia / Aprendi a namorar, ô sereia / Com aperto de mão, ô sereia*
- *Tenho sete namorados / mas não gosto de nenhum / Ô sereia*

A unidade demonstrou que a música, por meio das cantigas de roda e do samba junino, constitui uma poderosa linguagem que integra memória, corpo e identidade. As crianças tiveram experiências de pertencimento e coletividade, ao mesmo tempo em que tiveram contato com tradições afro-brasileiras e práticas culturais historicamente marginalizadas. Dessa forma, o trabalho contribuiu para o desenvolvimento das linguagens musicais e corporais, fortalecendo a educação antirracista e valorizando a diversidade cultural presente na comunidade escolar.

3.2 Unidade II – literatura infantil afro-brasileira

A literatura infantil é um aporte pedagógico fundamental na educação e na educação infantil ela ganha contornos importantes, o marcador dessa unidade é a afirmação contundente de Grada Kilomba (2018, p. 184):

A criança negra é forçada a criar uma relação alienada com a *negritude*, já que os heróis desses cenários são *brancos* e as personagens negras são personificações de fantasias *brancas*. Apenas as imagens positivas, e eu quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas”, da *negritude* criada pelo próprio povo *negro*, na literatura e na cultura visual, podem dismantelar essa alienação. Quando pudermos, em suma, no identificar positivamente com e entre nós mesmos e desenvolver uma autoimagem positiva.

Corroborando com o pensamento de Kilomba, a autora que irá ser o objeto de nossas vivências nesta unidade é a escritora Ana Fátima, sua escrita se caracteriza, sobretudo, pela valorização da oralidade, dos afetos cotidianos e da força das tradições afro-baianas, elementos que dialogam diretamente com a formação das crianças como leitoras críticas e conscientes de sua herança cultural. As ilustrações que acompanham suas obras, geralmente produzidas por artistas negros, reforçam o compromisso da autora com uma estética que afirma identidades e amplia horizontes de representação. Dessa forma, a escritora tem contribuído para o fortalecimento de uma literatura infantil antirracista, na qual o ato de contar histórias se constitui em prática de resistência, memória e reinvenção cultural.

A obra *As tranças de minha mãe*, além de narrar a relação afetuosa entre mãe e filho, apresenta-se como um importante recurso pedagógico para a valorização da identidade negra na infância. As tranças, elemento central do enredo, não aparecem apenas como prática estética, mas como símbolo de memória, ancestralidade e resistência cultural. Ao acompanhar a experiência de Akin, o leitor é convidado a compreender que o cuidado materno transcende o campo do afeto e da intimidade familiar, revelando-se também como prática de preservação cultural e afirmação identitária. Nesse sentido, a narrativa dialoga diretamente com a necessidade de romper com estereótipos negativos historicamente associados aos corpos e cabelos negros, oferecendo às crianças negras a possibilidade de reconhecerem-se positivamente nas histórias que lhes são contadas.

Imagem 2 - Ilustração do livro *As tranças de minha mãe*



Fonte: Fátima (2023, p. 16-17).

A segunda obra ser apresentada ao grupo foi o O livro *Os dengos na moringa de Voinha*, que é narrado, em tom poético e sensível, o cotidiano de uma família negra a partir da relação carinhosa entre a narradora e sua avó, a Voinha. O espaço da casa, especialmente a cozinha e o quintal, é central na narrativa, sendo ocupado por diferentes personagens — a tia, o Painho, a irmã caçula e o Voinho — que transitam por esses ambientes, enriquecendo-os com gestos, memórias e afetos. A moringa, objeto simbólico que atravessa a história, funciona como fio condutor que costura a narrativa, reunindo passado e presente ancestralidade e infância, em uma trama marcada pela valorização da cultura afro-brasileira.

Imagem 3 - Ilustração do livro Os dengos na moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023, p. 10-11)

8

Nas duas obras apresentadas, a autora Ana Fátima mobiliza suas vivências para valorizar a ancestralidade e resgatar memórias coletivas, ampliando o repertório simbólico disponível às crianças e inserindo no campo literário tradições, saberes e experiências historicamente silenciados. Essa perspectiva dialoga diretamente com as atividades desenvolvidas no projeto, nas quais as narrativas foram compartilhadas em rodas de leitura e Contação de histórias, permitindo que as crianças reconhecessem, de maneira lúdica e afetiva, elementos da cultura afro-brasileira presentes em seu cotidiano. Assim, as obras tornaram-se não apenas recursos literários, mas também dispositivos pedagógicos que, conforme destaca Evaristo (2005), materializam a *escrevivência* como prática de resistência, entrelaçando experiências pessoais e coletivas e transformando a memória em afirmação identitária desde a Educação Infantil.

Dessa forma, a unidade dedicada à literatura infantil demonstrou a potência das obras de Ana Fátima como instrumentos de valorização da identidade negra e de fortalecimento da autoestima das crianças. Ao promover o contato com narrativas que evidenciam afetos, memórias e práticas culturais afro-brasileiras, possibilitou-se às crianças reconhecerem-se como sujeitos de uma história coletiva marcada pela ancestralidade e pela resistência. O uso dessas obras no contexto pedagógico revelou-se, portanto, uma estratégia fundamental para a efetivação da Lei nº 11.645/08, pois integra ao cotidiano escolar saberes e tradições antes marginalizados, reafirmando a importância da literatura como caminho privilegiado para a construção de práticas antirracistas na Educação Infantil.

3.3 Unidade III – Vamos brincar em Gana e Angola?

9

O brincar constitui-se como elemento fundamental da experiência humana, sendo por meio dele que as crianças desenvolvem a consciência corporal, a imaginação e a alegria de conviver entre seus pares. Nesta unidade, o brincar assumiu lugar de destaque, tendo como foco o conhecimento de brincadeiras de origem africana, especialmente dos países Gana e Angola, possibilitando o fortalecimento de vínculos identitários e interculturais.

Para introduzir as atividades, as crianças foram apresentadas a imagens previamente selecionadas desses países, que serviram de ponto de partida para rodas de conversa. Nessas interações, discutiram-se aspectos culturais e territoriais, promovendo comparações entre as localidades africanas e Salvador. Esses momentos foram ricos em trocas, pois as crianças identificaram semelhanças entre os espaços apresentados e sua própria realidade, o que favoreceu a construção de sentidos e a aproximação lúdica com a ancestralidade africana.

A brincadeira selecionada de Gana foi o Da Ga que parece com pega-pega. Na brincadeira, as crianças precisam desenhar um retângulo no chão, que será a "casa da cobra". Um jogador fica dentro deste retângulo, que é a cobra, e os outros jogadores tentam entrar na casa sem serem pegos. Se um jogador for pego, ele tem que segurar no ombro do colega se torna a cobra. A brincadeira continua até que todos sejam pegos formando uma grande cobra.

Imagem 3 - Ilustração da brincadeira Da Ga (cobra)



Fonte: <https://www.poltronamagica.com.br/livro-doze-brincadeiras-indigenas-e-africanas-capa-em-papel-cartao-brochura-editora-melhoramentos/p>

A brincadeira selecionada de Angola foi a terra e mar que consiste em uma linha traçada no chão para dividir o espaço, de um lado fica a “terra” e do outro “mar”, a professora dava os comandos. Quando dizia “terra”, todos pulam para o lado da terra. Quando diz “mar”, todos pulam para o lado do mar. Quem pula para o lado errado é eliminado.

Imagem 04 - Ilustração da brincadeira Terra e Mar



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/40462096643956092/>

As atividades práticas da Unidade III envolveram a vivência de brincadeiras tradicionais africanas, como o *Da Ga*, de Gana, que trabalha agilidade, coordenação motora, ritmo e atenção, e o *Terra e Mar*, de Angola, que estimula atenção, cooperação e estratégia de forma lúdica. As crianças participaram ativamente desses jogos, explorando movimentos corporais variados, improvisando gestos, cantando e interagindo de maneira colaborativa, o que contribuiu para o desenvolvimento da consciência corporal, da socialização e da capacidade de seguir regras coletivas.

Durante as atividades, observou-se grande entusiasmo, curiosidade e engajamento das crianças, que demonstraram interesse em compreender as origens das brincadeiras e em identificar semelhanças com práticas lúdicas do cotidiano de Salvador. As rodas de conversa complementaram as vivências, permitindo reflexões sobre diversidade cultural, territórios africanos e a presença da ancestralidade africana na formação da identidade brasileira. Essas experiências possibilitaram às crianças reconhecerem tradições africanas como parte integrante de sua própria história e cultura, fortalecendo vínculos afetivos, a percepção de pertencimento e a valorização da diversidade desde a infância.

Além disso, as atividades favoreceram a construção de significados coletivos, ao promover momentos de troca entre pares, onde o aprendizado não se limitou à execução das brincadeiras, mas incluiu a compreensão de valores culturais, cooperação, respeito às diferenças e a importância de preservar saberes historicamente silenciados. Dessa forma, o brincar assumiu caráter pedagógico e formativo, funcionando como um instrumento de resistência cultural e promoção da ancestralidade africana na Educação Infantil.

3 Considerações finais

O desenvolvimento do projeto *O quanto da África temos em nós* evidenciou a importância de práticas pedagógicas que valorizem a ancestralidade africana e afro-brasileira desde a Educação Infantil. As três unidades — cantigas de roda e samba junino, literatura infantil e brincadeiras africanas — possibilitaram às crianças vivenciar experiências lúdicas e significativas que fortaleceram a identidade, a autoestima e o senso de pertencimento. Ao explorar diferentes linguagens, como música, literatura e movimento, as atividades integraram saberes culturais, promoveram a socialização e ampliaram o repertório simbólico das crianças, tornando visíveis tradições e práticas historicamente silenciadas.

Além de cumprir a Lei nº 11.645/08, o projeto demonstrou que a escola é espaço privilegiado para a construção de práticas antirracistas e para a valorização da diversidade cultural. As experiências desenvolvidas reafirmaram que a educação lúdica, quando articulada a conteúdos culturais e históricos, contribui para a formação de crianças mais conscientes de sua identidade e da importância da ancestralidade na construção da sociedade. Nesse sentido, o projeto evidencia que investir em vivências que promovam a representatividade negra não apenas fortalece aprendizagens, mas também constitui uma ação pedagógica transformadora, capaz de promover mudanças culturais e sociais desde a primeira infância.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** [7 ed. ver.e atual.]. – São Paulo: Selo Negro, 2024.

DEBUS, Eliane. (2017). **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Cortez: Centro de ciências da Educação, 2017.

EVARISTO, Conceição. (2016). **Olhos d'água.** 1.ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FÁTIMA, Ana. **As tranças de minha mãe.** Ilustração de Quezia Silveira. – 1ª ed. – Salvador: Ereginga, 2021.

FATIMA, Ana. **Os dengos na moringa de Voinha.** Ilustrações de Fernanda Rodrigues. - 1ª ed. – São Paulo: Brink-Book, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – episódios de racismo do cotidiano; tradução Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de Educação Física do município de Fortaleza – CE. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 34–48, 2021. DOI: [10.51283/rc.v25i3.12153](https://doi.org/10.51283/rc.v25i3.12153). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/12153>. Acesso em: 10 out. 2025.

SALVADOR. **Referencial curricular municipal para a educação infantil em Salvador.** Secretária Municipal da Educação. – Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. **Boletim**, v. 22, 2005. p. 30-36. (Salto para o Futuro).

ⁱ Sandra Regina Santos do Vale, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1138-3882>.
Universidade Estadual da Bahia

Pedagoga formada pela Universidade Estadual da Bahia, professora da Rede Municipal da Educação de Salvador, desde 2014. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Cultura da Universidade Estadual da Bahia.

Curriculo lattes: <https://lattes.cnpq.br/4218513267070587>

E-mail: sandradovalles2@yahoo.com.br

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 25 de setembro de 2025.

Aceito em 26 de outubro de 2025.

Publicado em 28 de outubro de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

VALE, Sandra Regina Santos do. Relato de experiência: o quanto da África tenho em mim. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.